

## Capítulo 2

# A mulher e a conservação da biodiversidade do milho

Flávia França Teixeira

Walter José Rodrigues Matrangolo

### Conservação da biodiversidade do milho

A contribuição da mulher para a conservação da biodiversidade é difícil de ser quantificada. Contudo, o protagonismo feminino no desenvolvimento da agricultura, na domesticação de plantas e na preservação de sementes é inegável. Há algumas referências sobre o papel da mulher e sua interação com o cultivo de alimentos em culturas indígenas. Às mulheres cabe a colheita e o preparo de alimentos, dentre muitas outras tarefas (Agência Pará, 2017). Elas também são responsáveis por comida, crianças, colheita e plantio, enquanto os homens são encarregados de caça, pesca, guerra e derrubada das árvores (A Organização..., 2023). Não deve ser esquecido que cada povo possui sua cultura, que é formada por inúmeros aspectos, entre eles hábitos alimentares e a conseqüente a agrobiodiversidade, e também por aspectos relacionados às formas de organização da sociedade e da divisão do trabalho. Se forem considerados apenas os povos nativos do Brasil, é possível supor que a diversidade cultural seja imensa, pois na ocasião do Censo Demográfico de 2010 foram identificadas 305 etnias nativas que utilizavam 274 línguas (O Brasil..., 2010).

No processo de contato com outros povos que chegaram ao Brasil, muito da cultura de etnias indígenas se perdeu, desde tradições religiosas e biodiversidade até mesmo a etnia como um todo. Entretanto, alguns aspectos podem ser resgatados, entre eles a agrobiodiversidade. Dentre os alimentos tradicionais dos indígenas, está o milho, que conta inclusive com a classificação da espécie em raças, entre as quais há cinco raças consideradas de origem indígena, que são denominadas Guarani, Moroti, Caingang, Lenha e Entrelaçado (Paterniani;

Goodman, 1977). O Banco Ativo de Germoplasma de Milho (BAGMilho) é mantido na Embrapa Milho e Sorgo, localizada em Sete Lagoas, MG, com o objetivo de preservar a biodiversidade desse cereal. O BAGMilho engloba mais de 4.000 variedades que foram coletadas no Brasil ao longo de décadas. As coletas dessas variedades se iniciaram mesmo antes da fundação da Embrapa. Algumas dessas variedades são originárias de comunidades indígenas ou são classificadas nas raças de milho indígenas. Essas informações permitiram identificar 234 variedades do BAGMilho como sendo de origem indígena e também avaliar aspectos presentes no grupo de variedades indígenas preservado no BAGMilho (Teixeira et al., 2021). O estudo das variedades de origem indígenas preservadas no BAGMilho fortifica ações que visam à preservação da biodiversidade em aldeias, possivelmente com a participação das mulheres com seus cuidados no cultivo e preparo de alimentos. O BAGMilho vem sendo empregado em ações de apoio ao resgate da biodiversidade em aldeias indígenas desde 2001, ou seja, há mais de 20 anos essa ação vem sendo apoiada pela Embrapa. Com esse intuito, já foram feitas 14 remessas de sementes para atender a demanda de aldeias em parceria com a Funai.

A participação da mulher na conservação da biodiversidade do milho certamente tem muitos outros casos de sucesso que podem ser destacados. Um deles que contou com o apoio da Embrapa Milho e Sorgo foi a ação que envolveu o melhoramento participativo para o desenvolvimento de variedades de milho com palha apropriada para artesanato. Dentre as cultivares comerciais de milho não havia opções que possuísem atributos de palha para atender às necessidades de artesãos, em sua maioria mulheres, para a produção de peças. Embora as comunidades de artesãos contassem com variedades não comerciais para a produção das peças de artesanato, havia a demanda por mais opções de cultivo. Essa situação motivou o uso de variedades do BAGMilho com atributos favoráveis presentes na palha em um programa de melhoramento participativo, que envolveu condução de ensaios nas comunidades produtoras de artesanato e contou com as artesãs para avaliar a qualidade da palha para o artesanato (Teixeira et al., 2007). Essa ação gerou a recomendação de duas cultivares com palhas naturalmente coloridas, apropriadas para a produção de peças de artesanato e desenvolvidas em parceria com artesãs que preservam e usam variedades tradicionais para produção de peças artesanais (Teixeira et al., 2011). É esperado

assim que esse trabalho tenha contribuído para a redução de resíduos da atividade agrícola e a ampliação da renda familiar.

### **Mulheres na construção e conservação do patrimônio genético antrópico**

A participação da mulher na preservação da agrobiodiversidade pode ser até invisível, se observada de longe, pois o olhar distante não consegue perceber a grandeza dessa contribuição da mulher para a conservação de recursos genéticos. Entretanto, observações mais próximas ao campo e atentas reconhecem a importância da atuação feminina em mais esse quesito.

A partir do Censo da Diversidade, projeto de pesquisa conduzido pelo Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foram identificadas 1.513 variedades locais de milho conservadas in situ-on farm, das quais 1.078 eram de milho-pipoca. Esses resultados foram surpreendentes em função do elevado número de pipoca encontrado nessa região, mas também chamam atenção porque, diferentemente dos outros tipos de milho, o pipoca é conservado principalmente pelas mulheres (Silva; Ogliari, 2015).

As autoras (Silva; Ogliari, 2015, p. 32) assim relatam alguns detalhes da pesquisa, com destaque para a perspectiva solidária da partilha envolvendo as sementes, que implica mais diversidade e segurança alimentar:

[...] Muitas das variedades de pipoca identificadas em Anchieta (SC) e Guaraciaba (SC) pelo Censo da Diversidade são mais antigas do que os próprios municípios. Algumas delas são conservadas e repassadas entre gerações de mulheres da mesma família (avó-mãe-filha) há cerca de 100 anos, sendo carinhosamente referidas por algumas agricultoras como as sementes do enxoval. O consumo de milho-pipoca é, portanto, uma prática que une diferentes culturas e representa o elo entre as mulheres indígenas, a cultura negra e as agricultoras familiares de origem europeia.

As variedades locais constituem o principal componente da agrobiodiversidade e a base para o desenvolvimento de sistemas agrícolas sustentáveis. Representam um patrimônio essencial à reprodução dos diferentes modos de vida. Fazem parte de um processo de construção cultural e também de convergência entre a seleção natural e a seleção humana (Silva; Ogliari, 2015).

Aqui, por inferência e considerando os apontamentos relativos ao papel da mulher na “invenção” da agricultura, podemos dizer que foram elas as primeiras

“melhoristas” de vegetais. Esse papel permanece atual. Talvez a primeira ação voltada para a conservação de sementes crioulas no Brasil, e que envolve roça comunitária de mulheres, foi assim descrita por Packer (2012, p. 29):

[...] A experiência da Cooperativa de Bancos Comunitários de Sementes das regiões do Alto e Médio Sertão de Alagoas se deu, inicialmente, com o incentivo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Com a atuação da “forania”, fórum de paróquias da igreja católica atuante na época, no ano de 1984, surge o primeiro banco de sementes comunitário, construído a partir da doação inicial da colheita de uma roça comunitária de mulheres na comunidade de Tabuleiro, município de Água Branca, AL, para a paróquia da região.

Dentre os agricultores mantenedores de milho-doce e adocicado em dois municípios de Santa Catarina, Souza (2015) revelou que em Anchieta, 53,3% são mulheres, enquanto em Guaraciaba, 71,4% são mulheres. O resultado da análise “membro da família responsável pelo cultivo”, obtido por Silva et al. (2012) e Costa (2013) no Censo da Diversidade em Guaraciaba e Anchieta, respectivamente, demonstrou que mulheres exercem um papel fundamental no manejo das variedades crioulas de milho-pipoca e adocicado, e os homens, no manejo do milho comum. Ainda conforme Souza (2015), as mulheres constantemente são responsáveis por cuidar da casa e das atividades de reprodução familiar, ou seja, cultivo da horta e ervas medicinais, pequenas criações, cultivos de subsistência, enquanto os homens são responsáveis pelos cultivos comerciais, como milho comum (Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Paraná, 1996; Neuendorf, 2000; Canci, 2006; Aguiar, 2010). Diferentemente, em estudo realizado em Maputo (capital de Moçambique, no sul do continente africano), Polana (2003) destacou que 90% dos comerciantes de milho são mulheres.

Nas cidades de Anchieta e Guaraciaba, os esforços das mulheres na conservação e no manejo do milho-doce e adocicado estão diretamente associados à soberania e segurança alimentar da família, visto que esse cultivo é utilizado principalmente para autoconsumo. Dessa forma, é fundamental a plena participação das agricultoras na formulação e execução de estratégias de conservação da diversidade de milho-doce e adocicado da região (Souza, 2015).

A essas variedades mais antigas pode-se mesmo atribuir um valor de herança, uma vez que as herdeiras zelam pela sua conservação por uma questão de tradição. De fato, de uma amostra de 403 variedades de pipoca desses dois

municípios, 72% foram adquiridas por herança de família ou da vizinha. A conservação do milho-pipoca está associada, portanto, às tradições de convívio social, em que a pipoca é preparada em dias de chuva para passar o tempo, para comer com chimarrão, para receber os vizinhos e reunir a família, tal como foi mencionado pelas agricultoras durante as entrevistas. Além do componente cultural, a conservação das variedades locais de milho-pipoca está relacionada à sua qualidade culinária. É justamente por serem mais macias, saborosas, por não darem casquinha (presença do pericarpo, após a expansão), por estourarem quase tudo e renderem bastante é que as agricultoras continuam motivadas a manter suas próprias variedades, assim exercendo o papel de guardiãs da diversidade (Silva; Ogliari, 2015).

As variedades crioulas de milho-doce, mantidas por mulheres e cultivadas em pequenas quantidades, são plantadas perto de casa, em hortas, juntamente com os demais cultivos de autoconsumo. Os dados comprovam, mais uma vez, o papel fundamental exercido pelas mulheres na conservação das variedades crioulas de milho-doce. Outra relação é possível ser feita, com local de plantio e gênero do mantenedor. Quando a variedade é mantida por uma mulher, ou tem a colaboração desta no manejo e na conservação, geralmente, a variedade é cultivada na horta. Os dados demonstraram que das 12 indicações de cultivo na horta, nove são mantidas por uma mulher, e duas são mantidas por homens com a colaboração da mulher no manejo e na conservação da variedade.

Ações que apoiem agricultores e agricultoras no desenvolvimento de estratégias de conservação das sementes, paralelamente à construção de bancos de sementes comunitários, são medidas que podem diminuir o contínuo processo de perda das variedades que vem ocorrendo nos últimos anos (Souza, 2015).

Kaufmann (2014) considerou que as mulheres guardiãs de sementes crioulas de milho do município de Ibarama, RS, são um dos pilares da conservação desse patrimônio genético. A respeito de repercussão dessa pesquisa, Silva et al. (2020, p. 154) destacam ainda que:

[...] elas passaram a ser reconhecidas publicamente, sendo convidadas a participar de eventos para relatar e estimular que novas agricultoras e agricultores se insiram na prática de cultivar e conservar sementes crioulas. Recentemente, uma das guardiãs, Renilde Cembrani Raminelli, recebeu uma menção honrosa da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, como uma das representantes do Prêmio Pioneiras da Ecologia. Esse prêmio

tem como objetivo reconhecer, publicamente, pessoas ou instituições que se destacam na promoção e no fortalecimento da luta por um ambiente ecologicamente correto. Ao receber o Prêmio, D. Renilde representa todas as agricultoras e Guardiãs das Sementes de Ibarama, rompendo com um panorama de invisibilidade dessas mulheres e tornando seus trabalhos conhecidos nacionalmente.

Silva e Ogliari (2015, p. 35) assim descrevem o relato de uma agricultora, obtido em reunião com o Grupo de Mulheres no município de Guaraciaba, SC, em 2013:

[...] as variedades locais representam a nossa alimentação, e alimentação de qualidade, pois sabemos o que estamos plantando. Elas representam nossa autonomia enquanto agricultoras; plantamos para manter a tradição e para preservar nossas sementes para o futuro das próximas gerações.

### **Erosão genética**

A erosão da diversidade fitogenética é causada pela substituição do germoplasma nativo por novas variedades de alto rendimento. Assim, a erosão genética pode ser entendida como a perda acelerada de germoplasma contido no acervo genético original. A erosão genética também é causada por fatores sociais, tais como seleção, comercialização, distribuição e mudança tecnológica (Zimmerer, 1991).

Para além dos processos naturais de evolução das plantas, o ser humano “criou”, ao longo dos últimos 10 mil anos, características que mais se adequavam aos interesses de suas comunidades. O milho é um ótimo exemplo da inventividade humana: conhecidamente uma planta multifuncional (por exemplo, alimentação humana a partir de diferenças nos grãos – doce, pipoca, amiláceo, farináceo, álcool e bebidas alcoólicas como chicha, bebida alcoólica dos Incas; forragem animal, fonte de pólen para insetos agentes de controle biológico, adubo verde), incluindo propriedades medicinais, com o uso popular de infusão/chá de seus cabelos (estilo-estigmas, parte feminina da planta), para tratamentos de infecções genito-urinárias. Essa diversidade corre grande risco de ser perdida e, conseqüentemente, o trabalho ancestral de diferentes grupos humanos, geograficamente distribuídos pelas Américas, em decorrência de interesses específicos da indústria. Para Santilli (2009), a heterogeneidade das sementes e

das variedades produzidas pelos sistemas locais é o que as torna mais flexíveis e capazes de se adaptar às mudanças socioambientais.

[...] Se a pipoca castiçar, vira milho. Essa frase foi repetida muitas vezes pelas agricultoras familiares dos municípios de Anchieta e Guaraciaba, na região Extremo Oeste de Santa Catarina, durante a realização do Censo da Diversidade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em outras palavras, o que elas quiseram dizer é que o milho-pipoca cruzado com outro tipo de milho não estoura (provavelmente refere-se ao cruzamento entre materiais diferentes). Essa frase revela o conhecimento que as agricultoras da região construíram ao longo das gerações para conservar, manejar e preparar o milho-pipoca. São os laços de solidariedade entre agricultoras que garantem a manutenção das variedades locais de pipoca (Silva; Ogliari, 2015, p. 32).

Para Machado (2014), as variedades locais são definidas como aquelas que, durante vários ciclos, estão sendo adaptadas a um mesmo agroecossistema por agricultores locais e/ou tradicionais. Essas variedades, quando passam por diferentes ciclos de geração familiar, adquirem características culturais específicas do local de seleção, domesticação e/ou adaptação, tornando-se variedades tradicionais. A expansão dos monocultivos tem sido o principal fator responsável pela perda da diversidade de plantas cultivadas, ecossistemas agrícolas e de tradições, costumes e práticas associados, produzidos e transmitidos por agricultores locais e tradicionais. Essa perda da diversidade relaciona-se diretamente com o processo de fome, miséria e insegurança alimentar e passou a fazer parte das agendas dos países, tendo em vista a elaboração de diferentes estratégias e acordos internacionais, visando à conservação e ao uso sustentável da biodiversidade em comunidades locais.

Gliessman (2001, p. 395) destaca no livro *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável* que

[...] A perda da diversidade genética na agricultura é uma causa de preocupação porque representa a perda de informações potencialmente valiosas. Se os recursos genéticos acumulados em milhares de anos de melhoramento e domesticação de plantas pudessem ser comparados a uma biblioteca cheia de livros, antigos e novos, sobre um vasto cabedal de assuntos, então o impacto do melhoramento moderno pode ser comparado à substituição daquela biblioteca por uma que somente empreste os atuais livros de bolso, campeões de venda (sic).

Santilli (2009, p. 136) expõe riscos implícitos do afastamento das práticas tradicionais e fundantes da agricultura:

[...] O modelo agrícola industrial promoveu a concepção de que tanto o melhoramento (genético) das variedades agrícolas como a produção das sementes deveriam ser atividades desenvolvidas apenas por setores profissionais específicos (fitogeneticistas, agrônomos, etc.). Os agricultores passaram a ser tratados como simples produtores agrícolas e consumidores de sementes e de outros insumos agrícolas industrialmente produzidos. Passaram a ser vistos, portanto, como meros usuários finais do trabalho desenvolvido pelos técnicos de melhoramento vegetal. Trata-se de uma concepção que negou o papel dos agricultores como inovadores e detentores de saberes e práticas fundamentais para os sistemas agrícolas e para a manutenção da agrobiodiversidade. As sementes e variedades desenvolvidas e produzidas pelos agricultores, adaptadas às condições locais, começaram a ser substituída por variedades estáticas e homogêneas, e os saberes agrícolas, a ser produzidos fora do campo, longe dos agricultores, pelas instituições de pesquisa. As políticas oficiais não conseguiram impedir, entretanto, que os agricultores continuassem a inovar, selecionando e produzindo suas próprias sementes, desenvolvendo novas variedades e realmente trocas e intercâmbios de sementes e saberes agrícolas. Quando são conservadas em bancos de germoplasma, as plantas têm sua evolução congelada no tempo e no espaço, ao contrário de sua manutenção em ambientes naturais (*in situ*), em que elas podem evoluir e se adaptar às mudanças ambientais e socioculturais, ou seja, há uma fonte de interação entre o genótipo, o ambiente e os processos sociais e culturais.

Em visita à aldeia Bugio, não foi observado o cultivo do milho-pipoca (avati pororó) nas roças Guarani. Foram disponibilizadas ao cacique sementes de milho-pipoca azul, adquirido do banco de sementes do Laboratório de Biotecnologia Neolítica, do Departamento de Engenharia Rural da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Dona Idalina, mulher do cacique Albino, recebeu as sementes com muito contentamento fazendo a seguinte observação: “agora temos de novo pipoca” (Pedri, 2006).

### **Segurança alimentar e nutricional**

Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) não é um conceito monolítico, mas integra várias dimensões do processo de alimentação e nutrição: diz respeito ao acesso, à qualidade e à quantidade de alimentos que as pessoas dispõem

habitualmente; depende das condições de saúde, saneamento e da sustentabilidade do ambiente em que se vive; e da garantia, a todas as pessoas, de terem a sua dignidade respeitada no ato de se alimentar. Esse conceito incorpora ainda um aspecto eminentemente político, a soberania alimentar – o direito dos países e dos povos de estabelecerem suas próprias políticas de produção, abastecimento e consumo, respeitando sua história e cultura (Siliprandi, 2013). Ao tratar do tema “Segurança alimentar e Nutricional & Agroecologia: o papel Chave das Mulheres”, Rodrigues (2014) informa que tais dimensões estão contempladas no conceito de SAN elaborado pelo Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional: direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2004).

Esquinas-Alcázar (2014) afirma, ainda, que não existem soluções únicas, nem receitas universais para o combate à miséria e à fome. Cada país deve considerar sua história, cultura, condições socioeconômicas, condições climáticas, tipos de solo, entre outros aspectos, para resolver seus problemas agrícolas e alimentares, levando em conta a sustentabilidade ecológica.

## Referências

A ORGANIZAÇÃO social dos índios. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/indios/p1.php>. Acesso em: 14 fev. 2023.

AGÊNCIA PARÁ. **Papel das mulheres indígenas garante e fortalece direitos dos povos tradicionais**. Belém, 18 abr. 2017. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/2351/papel-de-mulheres-indigenas-garante-e-fortalece-direitos-dos-povos-tradicionais>. Acesso em: 14 fev. 2023.

AGUIAR, M. V. B. Complementariedade de gênero e o papel das mulheres marroquinas para manutenção da agrobiodiversidade em uma porção do cerrado brasileiro. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 209-232.

O BRASIL indígena. Brasília, DF: Fundação Nacional do Índio; Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 5 p. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CANCI, I. J. **Relações dos sistemas informais de conhecimento no manejo da agrobiodiversidade no Oeste de Santa Catarina**. 2006. 191 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Vegetais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88704>. Acesso em 14 fev. 2023.

COMISSÃO ESTADUAL DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DO PARANÁ. **Gênero e agricultura familiar**: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite. Curitiba, 1996.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: relatório final. Brasília, DF, 2004.

COSTA, F. M. **Diversidade genética e distribuição geográfica**: uma abordagem para a conservação *on farm* e *ex situ* e o uso sustentável dos recursos genéticos de milho do Oeste de Santa Catarina. 2013. 211 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122849>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ESQUINAS-ALCÁZAR, J. Eliminar a fome requer inteligência e ética. **Cadernos IHU em formação**, ano 10, n. 47, p. 15-20, 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br>. Acesso em: 6 abr. 2023.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul, 2001.

KAUFMANN, M. P. **Resgate, conservação e multiplicação da agrobiodiversidade crioula**: um estudo de caso sobre a experiência dos guardiões das sementes crioulas de Ibarama (RS). 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwizwezJp7mBAxU6G7kGHfLgCAAQFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ufsm.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F1%2F8909%2FKAUFMANN%252C%2520MARIELEN%2520PRISCILA.pdf%3Fsequence%3D1%26isAllowed%3Dy&usg=AOvVaw1xKZHRrhUSpcAaBKfJUWQ1&opi=89978449>. Acesso em: 14 fev. 2023.

MACHADO, A. Limites e potencialidades da pesquisa colaborativa com sementes crioulas entre grupos sociais produtores. In: NEDER, R. T.; COSTA, F. M. P. (ed.). **Ciência, tecnologia, sociedade (CTS) para a construção da agroecologia**. Brasília, DF: Nepeas, 2014. p. 85-101.

NEUENDORF, O. R. Ferias de semillas: creando conciencia de una rica herencia. **Leisa - Revista de Agroecología**, v. 15, n. 3/4, 2000. Disponível em: <https://www.leisa-al.org/web/index.php/volumen-15-numero-4-3/2403-ferias-de-semillas-creando-conciencia-de-una-rica-herencias>. Acesso em: 6 abr. 2023.

PACKER, L. A. **Biodiversidade como bem comum**: direitos dos agricultores, agricultoras, povos e comunidades tradicionais. Curitiba: Terra de Direitos, 2012. 81 p. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/acervo/publicacoes/cadernos/51/biodiversidade-como-bem-comum-direito-dos-agricultores-e-agricultoras-povos-e-comunidades-tradicionais/22405>. Acesso em: 7 mar. 2023.

PATERNIANI, E.; GOODMAN, M. M. **Races of maize in Brazil and adjacent areas**. México, DF: CIMMYT, 1977. 95 p.

PEDRI, M. A. **A Dinâmica do milho (*Zea mays* L.) nos agroecossistemas indígenas**. 2006. 86 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88988>. Acesso em: 7 mar. 2023.

POLANA, E. V. L. **Mulheres comerciantes de milho**: um estudo do caso de mercado Chiquelene, Cidade de Maputo e Cruzamento do Inchope, Província de Manica. 2003. 49 f. Monografia (Graduação) – Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

RODRIGUES, L. P. F. Segurança alimentar e nutricional: agroecologia: o papel chave das mulheres. In: NEDER, R.T.; COSTA, F. M. P. (ed.). **Ciência, tecnologia, sociedade (CTS) para a construção da agroecologia**. Brasília, DF: Nepeas, 2014. p. 241-253.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SILIPRANDI E. C. A Alimentação como um tema político das mulheres. In: ROCHA, C.; BURLANDY, L.; MAGALHÃES, R. (org.). **Segurança alimentar e nutricional**: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013. p. 187-98.

SILVA, N. C. A.; MALAQUIAS, F. C.; VIDAL, R.; CARDOZO, A. M.; OGLIARI, J. B. O papel das mulheres na conservação de variedades crioulas de milho pipoca do Oeste Catarinense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RECURSOS GENÉTICOS, 2., 2012, Belém. **Anais...** Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos, 2012.

SILVA, N. C. de A.; COSTA, F. M.; VIDAL, R.; VEASEY, E. A. (org.). **O Projeto Raças de Milho das Terras Baixas da América do Sul**: ampliando o conhecimento sobre a diversidade de variedades crioulas do Brasil e do Uruguai. Ponta Grossa: Atena, 2020. 258 p. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/o-projeto-racas-de-milho-das-terras-baixas-da-america-do-sul-ampliando-o-conhecimento-sobre-a-diversidade-de-variedades-crioulas-do-brasil-e-do-uruguai>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SILVA, N. C. de A.; OGLIARI, J. B. Milho pipoca: mulheres agricultoras conectando o passado e o presente no Extremo Oeste de Santa Catarina. **Agriculturas**, v. 12, n. 4, p. 31-36, 2015. Disponível em: <http://aspta.org.br/article/milho-pipoca-mulheres-agricultoras-conectando-o-passado-e-o-presente-no-extremo-oeste-de-santa-catarina/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SOUZA, R. de. **Diversidade de variedades crioulas de milho doce e adocicado conservadas por agricultores do Oeste de Santa Catarina**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135998>. Acesso em: 14 abr. 2023.

TEIXEIRA, F. F.; LANDAU, E. C.; BUENO, F. C.; JESUS, L. N. de; OLIVEIRA JÚNIOR, A. H. **Diversidade genética entre acessos do Banco Ativo de Germoplasma de Milho de origem indígena**. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2021. 133 p. (Embrapa Milho e Sorgo. Documentos, 259). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1131481>. Acesso em 7 mar. 2023.

TEIXEIRA, F. F.; VASCONCELLOS, J. H.; ANDRADE, R. V.; SANTOS, M. X.; LEITE, C. E. P.; GUIMARÃES, P. E. O.; PARENTONI, S. N.; MEIRELLES, W. F.; PACHECO, C. A. P.; CECCON, G. BRS Cipotânea e BRS Diamantina: variedades de milho. **Crop Breeding and Applied Biotechnology**, v. 11, n. 2, p. 189-192, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-70332011000200013>

TEIXEIRA, F. F.; VASCONCELLOS, J. H.; ANDRADE, R. V.; SANTOS, M. X.; NETTO, D. A. M.; NOVOTNY, E. H.; MONTEIRO, M. A. R. Desempenho de variedades de milho quanto a qualidade da palha para artesanato. **Revista Brasileira de Milho e Sorgo**, v. 6, n. 1, p. 84-94, 2007.

ZIMMERER, K. S. Managing diversity in potato and maize fields of the Peruvian Andes. **Journal of Ethnobiology**, v. 11, n. 1, p. 23-49, 1991.